

(Transcrição)

Augsburg, 29 de novembro de 1998

Chiara Lubich na Igreja de Sant'Ana:

Oração ecumênica

(...)

Sei que desejam ouvir hoje uma reflexão minha sobre aquele diálogo que é muito importante para todos nós: o diálogo ecumênico.

Qual é a situação das nossas Igrejas hoje, às portas do Terceiro Milênio?

Se nós, cristãos, observarmos a nossa história de 2 mil anos e principalmente a do segundo milênio, não podemos evitar a consternação por constatar que muitas vezes ela foi um alternar-se de incompreensões, de brigas, de lutas.

A culpa, certamente, é das circunstâncias históricas, culturais, políticas, geográficas, sociais, mas também do desaparecimento entre os cristãos de um elemento unificante, típico deles: o amor.

É a pura verdade.

Então, na tentativa de sanar hoje todo o mal que se fez, devemos considerar o princípio da nossa fé comum: Deus. Ele, por ser Amor, nos convida também a amar. De fato, que motivação temos para amar os outros, se não nos sentimos profundamente amados? Se não estiver viva em todos nós, cristãos, a certeza de que Deus nos ama?

Hoje, Deus Amor deve revelar-se novamente a nós, cristãos, individualmente, mas também às Igrejas que compomos.

Deus ama as Igrejas por tudo o que fizeram na história correspondendo ao seu desígnio sobre elas, mas - e este é o lado magnífico da misericórdia de Deus - Ele ama as Igrejas também quando elas não corresponderam, como no caso da divisão entre os cristãos, contanto que hoje busquem a plena comunhão com as outras Igrejas.

Esta consoladora convicção emerge de um texto de João Paulo II, o qual, confiando Naquele que extrai o bem do mal, respondeu à pergunta: «Por que o Espírito Santo permitiu todas estas divisões?», mesmo admitindo que um dos fatores pode ter sido os nossos pecados, dizendo assim: «Não poderia ser também que as divisões tenham sido um caminho que levou e leva a Igreja a descobrir as múltiplas riquezas contidas no Evangelho de Cristo e na redenção operada por Cristo? Talvez tais riquezas não pudessem vir à luz de maneira diferente...».¹

Acreditar que Deus é Amor também para as Igrejas.

Mas, se Deus nos ama, nós não podemos ficar inertes diante de tamanha bondade divina. Como verdadeiros filhos, devemos retribuir o seu amor também como Igreja.

Cada Igreja com o passar dos séculos petrificou-se em si mesma pela onda de indiferença, de incompreensão, para não falar de ódio recíproco. Por isso mesmo cada uma deve ter um suplemento de amor. Amor pelas outras Igrejas e amor recíproco entre as Igrejas, que leva cada uma a ser um dom para as outras. Assim podemos prever, na Igreja do futuro, que uma e uma única será a verdade, mas expressa de várias maneiras, observada de vários ângulos, embelezada por muitas interpretações.

O amor recíproco, porém, é realmente evangélico e plenamente válido se for praticado segundo a medida pedida por Jesus: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos próprios amigos» (Jo 15, 13). Ele deu a sua vida por nós na sua paixão e morte, quando sofreu no momento da agonia no horto, da flagelação, da coroação de espinhos, da crucifixão, mas também quando experimentou uma dor atroz, que exprimiu no grito: «Meu Deus, meu Deus, por que

¹ . João Paulo II. Em: *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1994, pág. 147.

me abandonaste?»² Esse sofrimento, como afirmaram teólogos e místicos, foi a sua provação mais aguda, a sua escuridão mais tenebrosa.

Ora, parece que hoje, para edificar plenamente a comunhão no amor recíproco, é importante contemplar sobretudo aquela dor de Jesus e reconhecer-se nela. E se entende. Se Jesus se ofereceu para tirar o pecado do mundo e reunir os homens separados de Deus e, por consequência, desunidos entre eles, o único modo para realizar a sua missão era experimentando em si a abissal separação entre Ele, Jesus, que é Deus, e o Pai, sentindo-se abandonado por ele. Jesus, porém, voltando a abandonar-se no Pai («Em tuas mãos entrego o meu espírito» – Lc 23, 46), superou essa imensa dor e reconduziu assim os homens ao Pai e à aceitação recíproca.

Se é assim, não será difícil ver que é Ele, exatamente Ele, Jesus abandonado, a estrela mais radiante que deve iluminar o caminho ecumênico.

Parece que o trabalho ecumênico será realmente fecundo em proporção a quanto, quem a ele se dedicar, reconhecer em Jesus crucificado e abandonado, que volta a abandonar-se no Pai, a chave para compreender toda e qualquer falta de unidade e recompô-la. Quem fizer assim, receberá dele a luz e a força para não parar diante do trauma, na fenda da divisão, pois irá adiante e encontrará sempre uma solução, a melhor possível.

O amor recíproco vivido com esta medida leva também a atuar a unidade. E a unidade vivida tem um efeito que também é, por assim dizer, um elemento chave para um ecumenismo vivo. Trata-se da presença de Jesus entre várias pessoas, na comunidade. «Onde dois ou três – disse Jesus – estiverem unidos no meu nome, ali estou eu no meio deles» (Mt 18, 20).

Jesus entre um católico e um evangélico que se amam, entre anglicanos e ortodoxos, entre uma armênia e uma reformada que se amam. Quanta paz desde já! Quanta luz para um reto caminho ecumênico!

Jesus no meio é uma dádiva que ainda por cima torna menos dolorosa a espera do momento em que todos juntos o receberemos sob as espécies eucarísticas.

É necessário ainda um grande amor pelo Espírito Santo, Amor feito Pessoa. O Espírito Santo une as Pessoas da Santíssima Trindade e é ponto de união entre os membros do Corpo místico de Cristo.

Sei por experiência que, se todos nós vivermos assim, os frutos serão extraordinários, produzindo sobretudo um efeito especial: vivendo juntos os diversos aspectos do nosso cristianismo, nos daremos conta de que formamos um único povo cristão, que será um fermento para a plena comunhão entre as Igrejas. Será quase a atuação de outro diálogo, articulado ao da caridade, ao teológico e ao da oração, chamado: diálogo da vida, diálogo do povo de Deus. Esse diálogo é mais do que nunca urgente e oportuno, se é verdade (como a história ensina) que pouca coisa é garantida no campo ecumênico sem a participação do povo. Esse diálogo revelará com maior evidência e valorizará o imenso patrimônio comum entre os cristãos, constituído pelo batismo, pela Bíblia, pelos primeiros Concílios, pelos Padres da Igreja.

Esperamos ver realizar-se este povo, que já vai despontando aqui e ali no mundo cristão e temos confiança de que despontará também aqui.

Será útil, também agora, renovar o compromisso de vivermos assim como Jesus quer também entre as Igrejas. Na verdade, não há nada de mais urgente no mundo do que uma potente corrente de amor, se sonhamos com aquela civilização do amor, que o Terceiro Milênio espera de nós.

Obrigada senhor Cardeal, senhores Bispos, todos, irmãos, irmãs por me terem ouvido. E que Jesus esteja entre nós desde já, pelo nosso amor

(aplausos).

² Mt 27, 46